



Peneirar 3. Replantação em fotografia por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará - PA, novembro de 2017.

CARTA PARA MINHA MÃE



A FEIRA

Juanielson A. Silva



FEIRA (S.F)

lugar de compartilhamento da farinha; de culminância;
partilha do eu em comunidade.

Farinha de mandioca das famílias Silva e Santana. Replantação em fotografia por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará - PA, novembro de 2017.





Belém do Pará, dezembro de 2018.

Para: Maria do Socorro Carneiro Alves, minha querida mãe.

**[...] Então você pode me guardar no bolso do seu jeans rasgado
Me abraçando perto até nossos olhos se encontrarem
Você nunca estará sozinha
Espere por minha volta para casa.
Ed Sheeran**

Oi, mãe, escrevo-te para falar sobre minha feira, pois bem como a senhora sabe, a Feira é espaço de compartilhamento da farinha, o lugar onde se vende e se partilha o produto que produzimos, mas esta feira, da qual te falarei, é um tipo de feira especial: uma feira de compartilhamentos de uma farinha poética.

Foram anos me preparando para esse momento, anos de um processo de cura e de reencontros, uma verdadeira odisséia. Foram vários caminhos trilhados, alguns longos, outros curtos, uns diretos, outros tortuosos, foram várias as vezes em que perdi nessa jornada, mas é necessário que eu perdesse para que pudesse me reencontrar. Foram tantas aventuras que não cabiam em um texto, eu precisava dançar-las.

Quero te falar sobre o dia em que nós conseguimos reunir 99% de nossa família base (pai, mãe, irmãos e sobrinhos), o dia em que em me apresentei oficialmente como artista da dança para minha comunidade. O dia em que eu pedi licença para senhora, minha mãe, para meu pai, carinhosamente chamado de Seu Jane, para seu Manoel, meu avô e para Seu Kito e Dona Neusa, como são chamados nossos vizinhos que tanto tem partilhado conosco. Pedi licença, pois precisava falar deles para que eu pudesse falar de mim. O dia em que a senhora, minha mãe, me abençoou, limpou de meu corpo as dores do mundo, me perdoou e me deu passagem para viver livre. O mesmo dia em que vi nossa comunidade trabalhar em prol de um evento, evento este que muitos nem sabiam do que se tratava até o momento em que aconteceu: uma obra de arte.

Quero falar sobre o dia em que vi a chuva se transformar em lágrimas e o amor em uma roda de ciranda. O dia em que eu renasci. Sobre o dia de nosso Rito artístico.

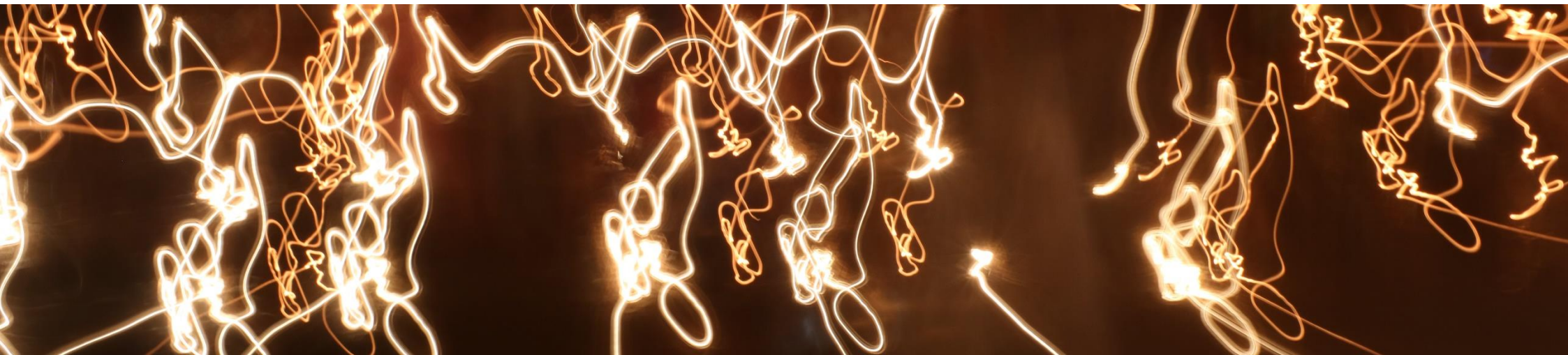


RITO ARTÍSTICO (S.S.G)

substantivo sem gênero

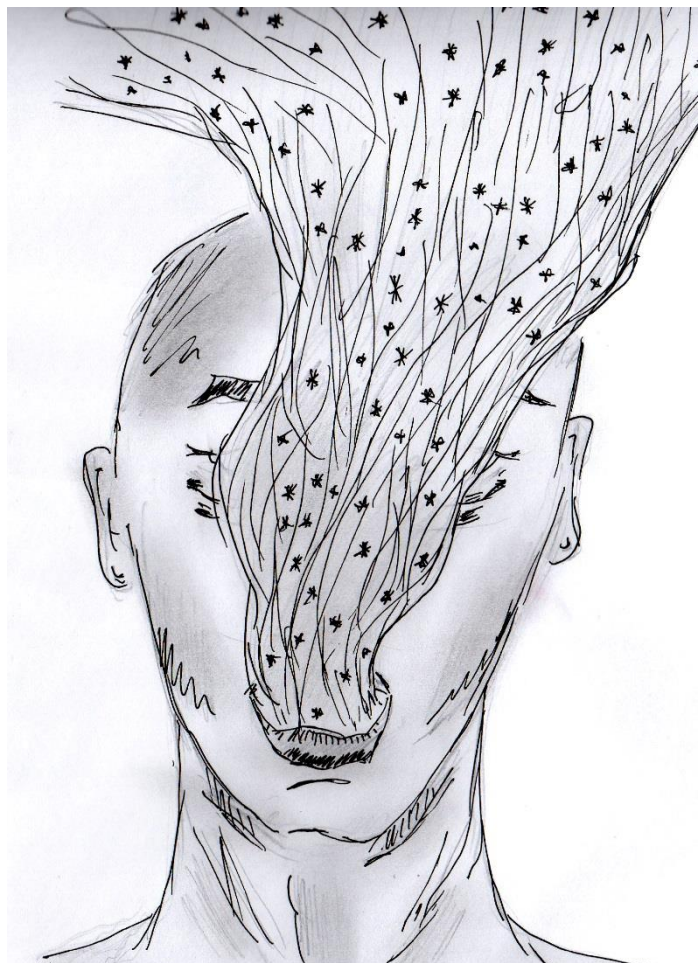
Cerimonia, não necessariamente religiosa, que segue procedimentos cênicos e ritualísticos; que agencia símbolos artísticos-ritualísticos; Ato de (re)encontro entre corpos; passagem-morte e renascimento daquela dança. Encontro; celebração.

Rito Artístico Farinha poética: rastros de luz. Transplantação em fotografia por Bernard Freire. Concórdia do Pará - PA, dezembro de 2018.





Até alguns meses antes da estreia, eu utilizava o termo “Espetáculo de Dança” para referenciar o “Rito artístico Farinha poética”, porém muito me incomodava este termo, “Espetáculo”, pois o mesmo trazia consigo vários “dogmas” enraizados sobre a Dança, que eu não gostaria de compactuar ou trazer para aquela experiência cênica.



Corpo em diálogo com o caos: processo criativo. Replantação em desenho por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará - PA, entre agosto e novembro de 2017.

Eu queria experimentar algo diferente da “espetacularização”, mesmo que de certa forma, eu soubesse que aquele acontecimento também era espetacularização, todavia gostaria de tratá-la de forma mais íntima e mais proximal do que ele simbolizava para mim enquanto experiência de vida: um ritual cênico. Porque nesta experiência eu não gostaria de levar em consideração apenas o momento da performance, mas também, e como parte primordial, todo o ambiente no qual este estava se materializando, pensado, então a cena, como resultado direto da relação de elementos como o público, o contexto do acontecimento, o lugar e as pessoas envolvidas na produção, pois para a coreocartografia familiar do **Rito artístico Farinha Poética** tais elementos são tão importantes quanto o artista, o cenário, a iluminação e o figurinos, por exemplo.

Além disso, acredito que este seja uma performance em Dança que não se limita as margens do convencional, nas questões estéticas ao se propor ser híbrida: que se faz de forma interdisciplinar, que se permite a outras manifestações do corpo para além do movimento já ensaiado, ou da compreensão de movimento apenas como gesto “reproduzido” pelo corpo, que compreende o corpo em sua totalidade, em diálogo direto com as memórias do bailarino (intérprete-criador) e com o público.

*Ainda que voz, corpo
Ainda que alma, corpo
Objeto, suporte, entidade,
Mas ainda corpo.
Ainda que metáfora, corpo
Sublime ou feroz, corpo
Afeto, obra, fisicalidade,
Mas ainda corpo.*

Corpo em processos [criativos].
Replantação em poema por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará - PA, entre agosto e novembro de 2017.



Uma Dança Imanente (~~Ana Flávia Mendes~~), uma Dança pós-moderna (~~Eliana Rodrigues~~), uma Dança Contemporânea (~~Tereza Rocha Cardoso~~) ou apenas uma Dança... disposta a ser algo além do que já está instaurado como dança em nosso pensamento social, ou seja, não um momento para a mera contemplação distanciada daquilo que é encenado, mas um encontro de corpos e uma celebração por meio da Arte, ou como diria Stéphane Huchet em seu texto Rito artístico, Figura da conservação: Um Rito artístico.

~~No rito, é preciso gestos, contextos, textos, discursividades, encenação, participação, crença, etc. A arte sabe manejar tudo isto. O rito tem uma força de ligação, de junção entre seus vários parceiros.~~

~~Stéphane Huchet (2017)~~

**UMA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS ONDE OS
SISTEMAS SOCIAIS E FAMILIARES
FALHARAM**

~~“A dança pode ser considerada uma linguagem cênica produtora de espaços abertos ao inusitado. Não precisa ser compreendida como técnica codificada, mas pode ser vista como processo que permite descobrir e elaborar maneiras diversificadas de desenvolver vocabulário corporal e expressão por meio do movimento”~~

~~Ana Flávia Mendes (2010)~~

No Rito artístico **Farinha poética** eu não ‘encarnava’ uma personagem, como de práxis se dá em espetáculos convencionais de dança, aquele corpo-ser que pisava no palco (que neste caso era um quintal) era de fato eu, vários “eus” de distintos momentos de minha vida e, ali, eu não contava nenhuma história que não fosse a minha e a daqueles que se entrecruzaram com ela.

De certa forma, a trama ritualística-cênica constituía-se de acontecimentos que emaranhavam minhas memórias as memórias das pessoas que encontrei durante a coreocartografia familiar para a composição de cena, principalmente de vocês, meus pais, de nossos vizinhos e de meu avô.

“Deu para perceber que não se trata de um espetáculo? Pois bem, não é um espetáculo, mas um acontecimento artístico.”

Milene L. Duenha, Paloma Bianchi e Raquel Purper, em Dança no século XXI, organizado por Célia Gouvêa (2017)



Estas memórias tornam-se uno a ponto de ser impossível dissociá-las, dessa forma, tudo passou a ser um corpo só e passaram a ser minhas as questões e os questionamentos procedentes daquele rito artístico: a reivindicação de espaço e de respeito do trabalhador, seja ele o agricultor ou o artista, bem como a denúncia de um sistema social falho que estimula o “abandono de suas casas” e as marginalizam desses corpos, bem como as falhas de um sistema familiar que reproduz discursos hierárquicos e arcaicos.

Neste sentindo, mãe, a experiência cênica que tivemos só se torna um ritual artístico porque é mais uma forma de expressar uma mesma realidade, isto é, “fruto” de uma coreocartografia familiar, na qual eu precisei mergulhar em reflexões sobre nossa família e me compreender como parte dessa família, e enxergar por meio dessa coreocartografia familiar seus bons frutos e suas raízes podres, bem como as falhas do sistema social no qual estamos imersos, para que assim a experiência cotidiana do preparo da farinha de mandioca se tornasse uma metáfora da vida em experiência cênica.

A metáfora não como um falseamento, pois esta experiência não é uma irreabilidade. A metáfora como significado em interseção, isto é, um “entre”. Uma outra verdade sobre a mesma realidade.

*Por isso, o gesto transfigurado em cena não é uma mera reprodução de um fenômeno cotidiano, no caso do **Rito artístico Farinha poética**, não é apenas a reprodução dos gestos cotidianos do preparo da Farinha, pois estes gestos trazem consigo uma historicidade do sujeito que dança, traz ainda um subtexto, um indutor de criação, uma pulsão que dá significado, potência e expressão para o corpo que o dança.*

*Sendo assim, **o gesto cotidiano do preparo da farinha de mandioca é transformado em um símbolo ritualístico e artístico, transpondo seu sentido plástico-pragmático e alcançado um sentido sagrado-metafórico e a coreocartografia familiar do Rito Artístico Farinha poética** é vista como um tipo de preparação e ‘estudo de si’ para chegar ao rito*

~~A conversão semiótica também é possibilitada por esse estado de pensamento simbólico, veículo de recepção da realidade através de significações que são decorrências da recepção dos objetos e sua transformação em formas compreensivas para o pensamento humano. Essa capacidade humana de elaboração e reelaboração de símbolos a partir da realidade do mundo permite que algo percebido simbolicamente sob uma determinada função passe a ser recebido de uma outra forma e por novo estímulo evidenciando uma outra função, se for modificado sua inserção cultural, uma vez que as funções são qualidades percebidas/atribuídas ao objeto.~~

João de Jesus Paes Loureiro (2007)



artístico, bem como o corpo que dança, isto é, o meu corpo torna-se uma metáfora de outros corpos e do próprio corpo quando estava na esfera da experiência cotidiana, ao se tornar o agenciador de todas estas questões.

Na experiência do rito artístico, o corpo cênico transita (ou orbita) entre as dominantes do fenômeno. Ora arte, ora rito, revelando a dinâmica da noção de “Conversão semiótica”, aqui compreendida não como um único movimento estanque, mas como um fluxo contínuo de movimentos, um ir e vir entre dominantes. Neste sentido, esse corpo não lida apenas com uma configuração de movimentos, uma colagem de gestos cotidianos que se tornam passos de dança, ele lida principalmente com histórias de vida, com signos de uma cultura, com o imaginário e com o sensível.

Compreender isso foi fundamental para a elaboração do **Plano de composição do Rito artístico Farinha poética** em cenas que recebem nomenclaturas de procedimentos do preparo da farinha e transformam-se em procedimentos de um ritual de iniciação-passagem-morte e reencarnação.

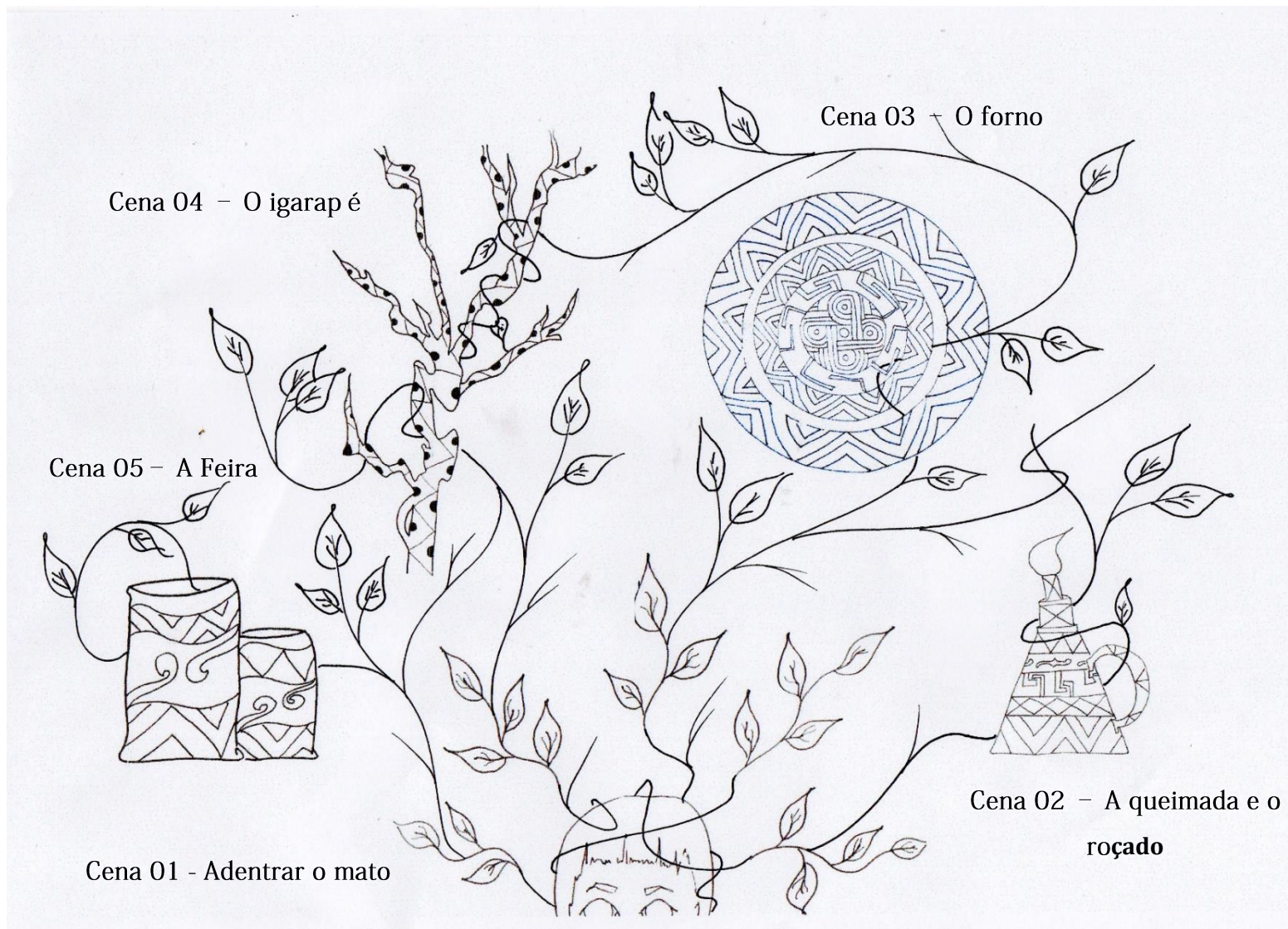
Gilles Deleuze e Felix Guattari (S/D) afirmam que a filosofia atua sob um plano de imanência e Arte sob um plano de composição.

~~“A diferença entre os personagens conceituais e as figuras estéticas consiste de início no seguinte: uns são potências de conceitos, os outros, potências de afectos e de perceptos. Uns operam sobre um plano de imanência que é uma imagem de Pensamento-Ser (numero), os outros, sobre um plano de composição como imagem do Universo (fenômeno).”~~

~~Gilles Deleuze e Felix Guattari S/D~~



RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA...



Plano de composição cênica do Rito Artístico Farinha Poética. Replantação em desenho por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará - PA, entre agosto e dezembro de 2018.



*Adentrar o mato (cena 01), emerge das lembranças de minha infância em meio ao roçado, remete a criança, a infância, ao despir-se de uma imagem de adulto que construí e clama por uma rememoração do caminho de vida já trilhado até aquele momento. É um feedback, um retorno a minha casa. O primeiro pisar no terreno artístico-ritualístico do **Corpo mata-curumim**.*

CORPO MATA-CURUMIM

Aquele que se embrenha em memórias; que conta sua própria história; viajante do tempo.

Abrir caminho; dar luz; pedir passagem; caminhar.



O curumim e a mata. Replantação em desenho por Juanielson A. Silva. Acervo da família, Concórdia do Pará - PA, entre fevereiro e agosto de 2018.

RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA...

Bailarino apresenta espetáculo gratuito em Concórdia do Pará

“Em retorno a sua terra natal, o bailarino Juan Silva leva para a sua comunidade o rito artístico "Farinha Poética", com apresentação aberta ao público em Concórdia do Pará, nordeste do estado, neste sábado (8).

[...] "Farinha poética" é uma narrativa que usa o preparo da farinha de mandioca, prática agropecuária da família do intérprete-criador, como cenário poético para um ritual artístico de cura e reencontro. Para tal, são utilizados movimentos do preparo da farinha como recursos técnico-corporais para pesquisar os movimentos cênicos, além de se embrenhar em memórias da vida do artista, que vivenciou a experiência deste preparo durante toda sua infância/adolescência.” - Trecho da matéria que saiu no portal do jornal G1 Pará.

<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2018/12/07/bailarino-apresenta-espetaculo-gratuito-em-concordia-do-para.ghtml>

Matéria do jornal G1. Transplantação em texto por portal G1. Belém do Pará - PA, 07 de dezembro de 2018.





ESPETÁCULO

~~“É espetáculo tudo que se oferece ao olhar [...] Este termo genérico aplica-se à parte visível da peça (representação), a todas as formas de artes da representação [...] e a outras atividades que implicam uma participação do público [...], em suma, a todas as cultural performances das quais se ocupa a etnocenologia.”~~

~~Patrice Pavis~~

Apesar do título da reportagem anunciar ‘um espetáculo’, o *Rito artístico Farinha poética* propõe a ser algo diferente de compreensão de espetáculo tradicionalmente usado, quando lhe é atribuído um sentido pejorativo de sua função, como se a performance cênica que ali se instaura fosse apenas uma representação visual de algo, neste caso, do preparo da farinha, enfatizando apenas as questões visíveis da obra, uma vez que, como diz o texto da reportagem, o *Rito artístico Farinha*

~~“Eles(Os artistas) agem um pouco como os ministros de um culto, acreditando, inclusive, na sua potência transformadora”
Stéphane Huchet (2017)~~

poética trata-se de **“uma narrativa que usa o preparo da farinha de mandioca [...] como cenário poético para um ritual artístico de cura e reencontro.”**

Embora nos estudos contemporâneos a noção de Espetáculo contemple o que proponho enquanto “Rito artístico”, uma vez que ao estudar espetacularização a partir da ótica da etnocenologia, por exemplo, as questões de subjetividade, trajeto do artista, suas relações com o sagrado e

~~“Não por acaso, as artes do corpo têm ousado subverter a ordem, sondar os limites da existência e disporem-se a experimentações que ultrapassam a finalidade estética, projetando uma fusão ente vida e arte.”~~

~~Marcelo REIS, em *Dança no século XXI*, organizado por Célia Gouveia (2017)~~

com o espaço-tempo onde sua obra acontece, dentre outras questões, também são levadas em consideração, todavia a recusa ao uso do termo “Espetáculo” para a conversão ao termo “Rito Artístico” se dá também como um fator político, pois no âmbito das artes cênicas o sentido pejorativo de “espetáculo” ainda se faz presente.

Inclusive, como mostra Patrice Pavis, em seu *Dicionário de Teatro*, o termo Espetáculo está ligado à ideia de representação, enquanto a proposição de rito artístico detém-se não a arte como representação da vida, mas como uma outra forma de apresentá-la que não está desvinculada da história de vida do artista.



Logo, compreendo a experiência cênica do Rito Artístico Farinha poética não apenas como algo a ser visto, isto é, uma obra para ser contemplada visualmente, mas também como algo a ser vivido, encarnada e personificado na vida tanto daquele que dança, quanto na vida daqueles que experienciam a obra enquanto público.

*No Rito Artístico Farinha poética, eu estava de fato voltando para minha casa, para minha cidade natal, para os seus braços, minha mãe, para o lugar onde nasci e cresci. Eu estava caminhando em direção a um reencontro com meus familiares, minha comunidade e comigo mesmo, para um ato de cura, uma tomada de consciência, uma reivindicação de espaço e um ato político. Em cena tornava-me sacerdote da experiência por si, símbolo da história de muitos e de minha própria, um tipo de “mediador” da história de muitos e da minha, que borrava as linhas cronológicas da memória e instaurava uma *entre a Arte e o ritual.**

o Rito artístico Farinha poética não vestia uma história externa a ele, ou encarnava personagens fictícios, ele era por si só uma história, um acontecimento real da/naquela comunidade. Era, o que Jacques Rancière define como uma “partilha do sensível”.

ESPETACULAR

~~Tudo o que é visto como fazendo parte de um conjunto à ser visto ao público.[...] Muitas vezes o teatro é acusado de render-se ao espetacular, isto é, de buscar efeitos fáceis, de mascarar os textos e as leituras por uma massa de signos visuais. ser espetacular.”~~

Patrice Pavis (2008)

PARTILHA DO SENSÍVEL

~~“O sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes excluídas.”~~

Jaques Rancière (2009)

RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA



Rito Artístico Farinha poética: cena 01. Transplantação em fotografia por Bernard Freire. Concórdia do Pará - PA, dezembro de 2018.

RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA



Rito Artístico Farinha poética: cena 01. Transplantação em fotografia por Bernard Freire. Concórdia do Pará - PA, dezembro de 2018



*A queimada e o roçado (cena 02) é uma metáfora que usa da 'imagem força' da queimada dos roçados para falar de 'verdades pré-estabelecidas' em nossa família/comunidade. Essa, por meio do gestual cotidiano do preparo da farinha de mandioca transformado em dança, arranca com força supostas verdades do solo, derruba grandes árvores que foram plantadas de geração em geração em minha família e instaura um **Corpo queimada**.*

Em subtexto, retomo minha adolescência, fase de minha vida onde os questionamentos sobre o espaço que habitava e a cultura a qual pertencia me eram extremamente potentes, dentre estes, principalmente as questões sobre posição social, grau de escolaridade, profissão e questões sobre minha sexualidade que, sempre que vinham à tona, pareciam já estar pré-dispostas a cumprir um roteiro sócio-político.

Queimar; questionar; derrubar e politizar.

Corpo Queimada

Corpo que questiona; que arranca supostas verdades; corpo-político; ciente de si enquanto corpo no mundo; corpo transformador.





RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA...

Concórdia do Pará, novembro de 2017.

QUEIMAR

*Neste roçado há uma queimada, ação de destruição. Que torna cinzas o meu passado e derruba
toda e qualquer ilusão.*

*São Cinzas de outros preparos, cinzas que servem de alimento, brasas que lembranças disparam e
que queimam os meus sentimentos.*

Eu caminho entre as memórias, na coivara dos meus amores.

Es aqui minhas histórias de sorrisos e de dores.

Coivara que queima, limpa, esfumaça e purifica.



Queimar. Replantação em poema por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará -PA, abril de 2018.



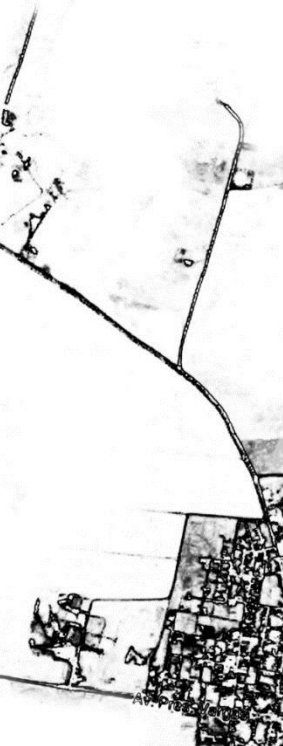
RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA...



A Queimada 3: gesto de atar fogo. Replantação em fotografia por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará - PA, novembro de 2017.



RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA...



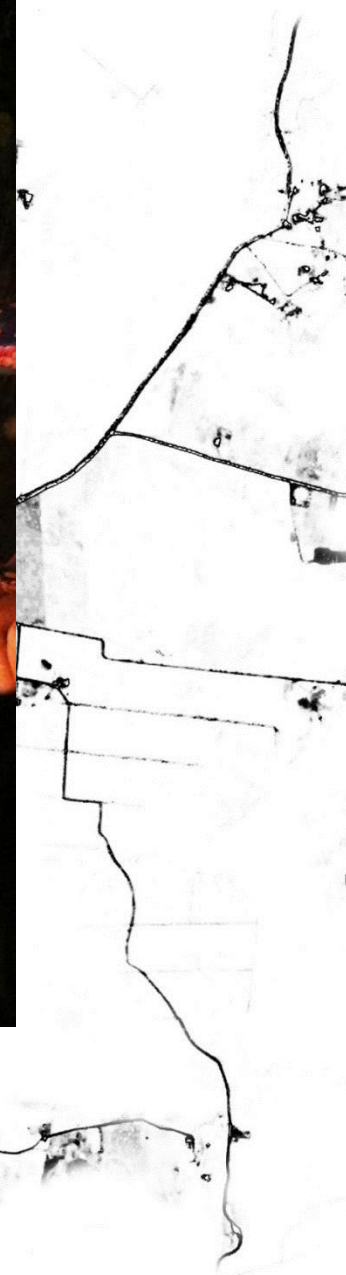
Fotografia de ensaio: gesto de carregar mandiocas nas costas. Transplantações em fotografia de Jardel Silva. Belém do Pará - PA, entre maio e novembro de 2018.



RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA...



Rito Artístico Farinha poética: Cena 02. Transplantação em fotografia por Bernard Freire. Concórdia do Pará - PA, dezembro de 2018.





A *Cena O Igarapé* (cena 04) foi a primeira cena criada e é, acredito eu, o embrião do **Rito artístico Farinha poética**, uma vez que surge da imagem força de minha mãe *banhando-me em um igarapé e dos momentos em que tirávamos as mandiocas da água*. Além dos movimentos cotidianos, nesta cena trouxe a senhora, minha mãe, comigo, quebrando o que no teatro chamam de quarta parede, que é a distância entre artista e público e instaurando um *Corpo Igarapé*.



O banho que recebi nesta cena, dado pela senhora, minha mãe, não era um banho ficcional ou apenas uma alusão ao meu passado, era real, mesmo que de certa forma cênico. Uma permissão, uma benção, uma limpeza de alma.

Esta cena, em subtexto, também fala sobre a permissão que recebi da senhora, minha mãe, e de meu pai, para que pudesse ir embora de casa no ano de 2012, quando vim para Belém cursar minha faculdade.

Na cena, mãe, meu corpo torna-se “Metafenômeno”, como diz José Gil (2001): objeto da arte, a própria obra de arte, agenciador de todas as energias do processo criativo e ainda do acontecimento da obra cênica. Ou seja, o corpo é agenciador do antes e do agora.

“Um público pré-disposto a escutar ou participar; uma arquitetura ou um espaço de encontro.”

Stéphane Huchet (2017)

CORPO IGARAPÉ

Aquele que por meio da cena transpõe o espaço e o tempo pré-dispostos. Transfigura o agora em tempo presente-passado-futuro.

Busca-se cada vez mais o artista permeável às influências do ambiente, capaz de reagir criticamente ao papel que porventura represente. A perspectiva palco-plateia deixa de ser hegemônica e os espaços públicos passam a ser incorporados às criações. O público muitas vezes é inserido na construção da obra. As narrativas lineares deixam de ser protagonistas.

Marcelo Reis, em *Dança no século XXI*, organizado por Célia Gouvêa.



Neste sentido, agenciar é organizar energias, dar fluxo aos acontecimentos, é compreender os encontros e os desencontros enquanto elementos inerentes de uma pesquisa, é conseguir interligá-los e transformá-los.

Agenciar é conceber o corpo enquanto elemento diligente dos acontecimentos. É experimentar e compreender o continuum do corpo dentro do continuum criativo. É organizar o gesto na organicidade da experiência estética dançada.

~~...Um corpo que se abre e se fecha, que se conecta sem cessar com outros corpos e outros elementos; um corpo que pode ser desertado, esvaziado, roubado de sua alma e pode ser atravessado pelos fluxos mais exuberantes da vida. Um corpo humano, porque pode devir animal devir mineral, vegetal, devir atmosfera, buraco, oceano, devir puro movimento.~~

~~Jos é Gil (2001)~~

~~“Um corpo habitado por, e habitando outros corpos e outros espíritos, e existindo ao mesmo tempo na abertura permanente ao mundo através da linguagem e do contacto sensível, e no reconhecimento da sua singularidade, através do silêncio e da não inscrição...”~~



RASTROS DE UM CADERNO DE ARTSITA



O banho 1. Replantação em fotografia por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará - PA, novembro de 2017.



RASTROS DE UM CADERNO DE ARTSITA



Rito Artístico Farinha poética: Cena 03. Transplantação em fotografia por Bernard Freire. Concórdia do Pará - PA, dezembro de 2018.



~~(Os artistas da cena)“[...] agenciam gestos com outros gestos; ou um corpo atual com os corpos virtuais que actualizam; ou ainda movimento com outros movimentos. Em todos os casos a gestualidade dançada experimenta o movimento (os seus circuitos, a sua qualidade, a sua força) afim de obter as melhores condições para que ele execute uma coreografia. Neste sentido, dançar é experimentar, trabalhar os agenciamentos possíveis do corpo. [...]Dançar é, portanto, agenciar os agenciamentos do corpo.”~~

José GIL (2001)

É por isso também que nós artistas clamamos por um público que possa não tão somente compreender, como ser afetado por nossas obras, e não digo afetado no sentido do afeto superficial, mas de um conjunto de sensações que provocam reflexão, introspecção e mudança tanto no artista, quanto no público, para que assim ambos se tornem criadores. A obra afeta quem assiste e inscreve na mente e no corpo destas pessoas todas as impressões que o artista tem do mundo e até mesmo aquelas que ele não tem, inventadas pelo público.

PARA ALÉM DE UM SISTEMA RIGIDO DE SÍMBOLOS ARTISTICOS E RITUALISTICOS

Veja bem, mãe, os Gestos cotidianos transformados em dança no Rito Artístico farinha poética tornam-se símbolos artísticos-

ritualísticos, porém é importante ressaltar que, apesar do Rito artístico Farinha poética apresentar essa característica de transposição do gesto cotidiano do preparo da farinha de mandioca para o gesto dançado em cena, em forma de coreografias, este ritual cênico não se apresenta como um sistema rígido de símbolos artísticos e ritualísticos, isto é, não se apresenta como uma performance coreográfica de precisão e lógica sempre exatas, mas também como uma estrutura aberta à improvisação, uma vez que, como pensa Hugo L. da Silva, há em seus subsistemas (compreendendo o Rito artístico como um sistema de símbolos e suas cenas como subsistemas), organizações emergentes e organizações planejadas.

Se quiseres saber mais sobre a morte do gesto e sua transformação em símbolo artístico-ritualístico, podes ler a carta que enviei para meu pai sobre o Forno.



~~“Essa organização pode ser resultante da própria cadeia de relacionamentos dos elementos que compõe o sistema – o que é indicado como organização emergente – ou pode ser intencionalmente estabelecida como fruto de um planejamento, ou ainda as duas coisas.”~~

~~Hugo L. da Silva (2009)~~

~~“Assim eu falo de um poética da oportunidade quando o dançarino toma proveito das oportunidades de significação que emergem do seu “fazer dançante”. Para realizar isso é necessário que o foco principal de atenção, em suas decisões, esteja relacionado ao fator de organização. Ainda que este parâmetro seja inseparável dos demais parâmetros sistêmicos, ou seja, tratar da organização traz em si a ação sobre subsistemas, funções, conexões etc.”~~

~~Hugo L. da Silva (2009)~~

Dessa forma, mãe, há momentos nas cenas do Rito Artístico Farinha poética que os gestos cotidianos se apresentam mais como proposta de contextualização de cena, do que como uma ordem sequenciada de movimento a se seguir. Trata-se, portanto, de um híbrido de sequências de gestos ensaiados e movimentos improvisados. Logo, quem assistiu o R.A.F.P. em seus dois dias de evento, viu a mesmas propostas e organizações de cena, mas não necessariamente a mesma ordem de movimentos coreográficos.

O forno (cena 03), por exemplo, é um extremo do estado de êxtase, uma “Experiência de Morte Cênica” (EMC), na qual jogo-me pelo chão, arremesso-me pelo ar em direção as raízes que brotam do solo, sufoco-me, dilato e contraio meus músculos, tudo de forma muito dinâmica e nesse estado alterado de corpo, a lógica sequencial de movimentos me “foge”, mas a imagem do gesto de torrar farrinha não, bem como a suposta iminência de estar dentro de um forno extremamente quente também não, que se tornam naquele momento dois elementos de indução para contextualização da cena.

~~“Pode-se dizer que a improvisação, em algum grau, tem como objetivo rever padrões e formatos, desenhos conhecidos e habituais da dança.”~~

~~Suzana de Sousa da Luz
(2017)~~



Ali, o improviso, não compreendido como desleixo para com a coreografia, mas como resultado de várias experimentações e de um preparo corporal, é uma estratégia de composição em tempo real.

Para isto, preciso “dominar” a intenção e contextualização da cena, conhecer os gestos que a compõe e, primordialmente, ser conhecedor do meu próprio corpo para que a cena não seja um mera reprodução de padrões estéticos, ou de uma aleatoriedade desproporcional, e se torne um rede de símbolos artísticos-ritualísticos a partir de um corpo alterado. Conhecimento este que se dá por meio dos ensaios, principalmente por meio do procedimento da prensa, isto é, das experimentações de improvisação.

*Meu corpo transita então entre um tipo de estado de transe e uma elucidação da proposição cênica, torna-se um **corpo maniva-podre** que, enquanto danço, precisa estar conectado/enraizado nas proposições mais diretas do consciente (gestos, intenção cênica, tempo musical, distribuição do espaço) com as questões mais indiretas, ligadas ao subconsciente.*

CORPO MANIVA-PODRE

Aquele que conecta o terreno e o céu; tão enraizado em si que desenvolve a capacidade de transitar entre ‘universos’ distintos da cena.

*Caso queiras saber mais sobre o procedimento da prensa, podes ler a Carta para meu pai sobre **O retiro**.*

“O improvisador cênico deve ser habilidoso, corajoso, ousado, esperto e conhecedor do seu repertório de movimento. Ele precisa estar sempre atento e pronto a buscar novos materiais do seu interior e fora dele. Além desses aspectos, a atenção e o conhecimento dos processos que permeiam a ação de improvisar são imprescindíveis para gerar a dança. Quem improvisa, desenvolve a capacidade de criar diálogo consigo mesmo carregado de intenção, tensão, ritmo e formas deflagradas de sentidos e comunicação.”

Waldete Brito Silva de Freitas (2012)



RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA

Corpo frágil, movimentos lentos, o tempo adentrou esta casa e a velhice em seus ossos não é a mesma velhice que penetra minha alma. Quantas jornadas cabem no coração de um velho farinheiro?

O medo da solidão e de partir está estampado em seus olhos, que mal veem o que está a sua frente. Deitado em uma cama, ele respira fundo ao ouvir tantas vozes em sua sala, uma lágrima escorre pelo canto dos olhos, eu limpo e digo:

Vai ficar tudo bem, vô.

Quem é?

Sou eu, Vô, o Nielson.

Oi, meu filho, eu estou tão feliz que vocês tenham vindo. Eu tenho medo de ficar sozinho.

O senhor não precisa ter medo de nada. Nunca estará sozinho.

Eu tenho tanto medo de morrer, meu filho.

Não há motivos para ter medo, vô, estamos nesse mundo para aprender e seguir nossos trajetos. Olha quantas coisas boas o senhor fez pelo mundo, quantos ensinamento o senhor partilhou, quantas sementes plantou. Hoje todos os seus filhos são adultos, geraram famílias lindas e fortes. Não sei se o senhor sabe, mas hoje eu sou professor, ensino e aprendo com as pessoas, sua outra neta, A Ridna, terminou recentemente a faculdade dela, e os outros netos são pais de família, jovens trabalhadores, ou estão aí construindo seus futuros. O senhor fez bastante coisa.

Eu sei, meu filho.

Visita ao meu avô. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará - PA, julho de 2018



RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA



Rito Artístico Farinha poética: cena 04. Transplantação em fotografia por Bernard Freire. Concórdia do Pará - PA, dezembro de 2018.



*A feira (cena 05), a última cena do Rito Artístico Farinha poética, simboliza o que acredito ser mais 'sagrado' tanto na produção de farinha de mandioca, quando na **Coreocartografia familiar do Rito artístico Farinha poética**: o ato de compartilhar.*

Nesta cena, sou novamente adulto, transformado ao longo do rito artístico em um ser humano disposto a compartilhar: trata-se de uma metáfora do processo de auto-conhecimento que a coreocartografia familiar me possibilitou, isto é, o conhecimento que a Dança e seus trajetos híbridos ocasionam.

*A busca então, tanto em cena, quando no percurso de pesquisa coreocartográfica é por um **Corpo Feirante** que metaforize, não necessariamente a farinha vendida na feira, mas o ato de compartilhar em comunidade, bem como metaforize os voos das andorinhas encantadas, as idas e vindas dos filhos de farinhaes/agricultores que saem de suas cidades para iniciar suas jornadas em busca da autonomia.*

Corpo Feirante

Disposto a compartilhar; corpo que partilha; corpo curado; humilde e disponível. Abstrato de si, liberto de sua visão egocêntrica; e impregnado de atravessamentos de uma comunidade, de uma família.



RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA

Eu lavei minha alma ao te pular para a chuva. Eu sei que é insano querer que alguém pule no rio sem nunca nem ter mergulhado em um igarapé, mas eu preciso que você confie em mim. Eu serei tua canoa. Eu serei rio contigo.

Senta aí, vamos tomar uma cerveja, vamos falar de amor, dos sonhos, da arte, das viagens e desse mundão que tão pouco conhecemos, vamos planejar nosso porto seguro e aprender a remar juntos. Deixa-me ser tua oca, ser teu abrigo, meu amigo [meu irmão].

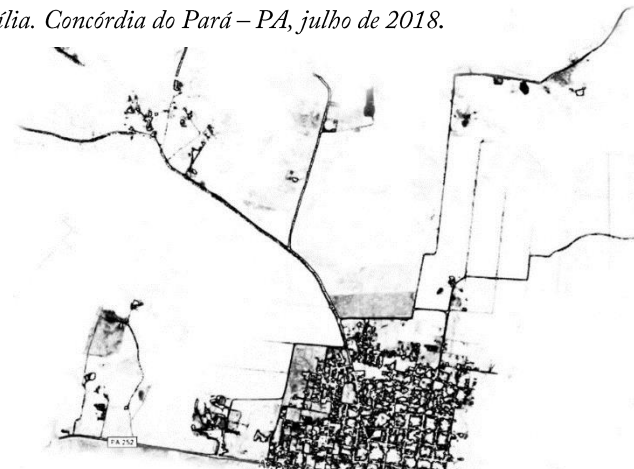
- Hoje Jardel saiu de casa e veio morar comigo, mais uma andorinha alça voo.

Chegada de meu irmão mais novo em Belém do Pará | Jardel torna-se uma andorinha. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará – PA, abril de 2018.

Conversando com minha mãe hoje sobre bondade e compartilhamento, ela me falou sobre como o ato de partilhar comida faz bem para ela, pois alimenta quem precisa e gera reciprocidade, de tal forma que, se assim fizemos, quando precisarmos sempre encontraremos quem nos alimente, pois é um efeito causado pela natureza de nossos atos: a bondade. Não que façamos o bem esperando retorno de alguma forma, fazemos porque isso nos torna seres humanos melhores, mas fazer o bem, nesse caso, compartilhar alimento, gera naturalmente o senso de comunidade. Por isso, para mim, partilhar dança/arte é alimentar ao outro e a mim mesmo.

“Se um vizinho meu chegar em casa com fome e tiver pelo menos farinha na minha cozinha, com fome ele não vai mais ficar”

Minha mãe fala sobre “A feira”. Replantação em texto por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará – PA, julho de 2018.





RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA



Rito Artístico Farinha poética: cena 05 Transplantação em fotografia por Bernard Freire. Concórdia do Pará - PA, dezembro de 2018.



~~Um corpo livre para se manifestar torna-se expressão política, exercício de liberdade individual e coletiva. Mesmo num solo de dança, encontra-se ali a representação de uma coletividade, um acontecimento em que o corpo é atravessado por sensações, sentimentos, pensamentos e imagens que são coletivas.~~

Marcelo Reis, em *Dança no século XXI*, organizado por Célia Gouvêa (2017)

experiência “metamemorial” que narra na cena a própria cena e que conta sua própria história, um *Corpo queimada*, que arranca e ressignifica supostas verdades, um *corpo igarapé*, que quebra as barreiras do tempo e do espaço por meio da memória e do acontecimento presente, um *Corpo maniva podre*, que é capaz de transitar entre aquilo que no terreno das memória cênica e na memória de si, e ainda aquilo que envolve um estado ‘fora’ de si, e ainda um *Corpo*

~~“para Nietzsche, ‘a metáfora não constitui, para o verdadeiro poeta, uma figura de retórica, mas, antes, uma imagem substitutiva que, no lugar de uma idéia, paira realmente diante de seus olhos’ (GT/NT § 8)”~~

Eric Blondel (2004)

Busco então, mãe, compreender este corpo que dança não como um corpo mecanizado, uma estrutura reprodutora de códigos, criador de ‘conceitos’, mas um corpo que, por meio da dilatação do **corpo raiz** na coreocartografia familiar, torna-se um **corpo-metáfora**, isto é, corpo que instaura metáforas e não verdades absolutas.

Sendo assim, o corpo que dança o Rito Artístico Farinha poética é [ou pode ser] um corpo que instaura metáforas de outros corpos em si: Um **corpo mata-curumim** que se embrenha em uma

~~Entende-se que a obra carrega seus próprios discursos, por isso, é muito importante um artista propor este espaço de reflexão. Com certeza a fala do artista não é “a verdade”, mas uma possibilidade de realidade com a qual se conecta no processo de construção da/sua criação.~~

HELENA BASTOS em Dança no século XXI Organizado por Célia Gouveia (2017)

feirante, que compartilha suas experiências de vida.

Logo, mãe, nesta coreocartografia familiar, o corpo que se cria seria, portanto: um corpo de atravessamentos diversos sempre estado de mutabilidade de si. Criador de metáforas, sensações e símbolos, mediador da criação e da encenação, criador de uma realidade impar para um rito artístico. Uma rede, um rizoma, uma raiz, uma metáfora.